

## Breves considerações sobre o descobrimento do Brasil e a construção do imaginário coletivo em meios de comunicação

### *Brief observations about the discovery of Brazil and the construction of the collective imagination in media*

Carolina Cavalcanti BEZERRA<sup>1</sup>

#### Resumo

Apresenta-se neste artigo a existência de uma padronização na construção do imaginário coletivo sobre o descobrimento do Brasil e da representatividade dos indígenas em filmes, pinturas e documentos oficiais. Partindo dos estudos realizados durante o mestrado em Educação que resultou na dissertação *Caminha, Meirelles e Mauro: narrativas do (re)descobrimento do Brasil; decifrando as imagens do paraíso* delineará mais uma vertente de pesquisa, que aponta para a massificação de tais representações também em livros didáticos.

**Palavras-chave:** Imaginário coletivo. Massificação. Livros didáticos.

#### Abstract

It is presented in this article the existence of standardization in the construction of the collective imagination of the discovery of Brazil and the representativity of indians in films, paintings and official documents. Based on the studies for the master's degree in Education which resulted in dissertation *Caminha, Meirelles and Mauro: narratives of the (re) discovery of Brazil; decoding images of paradise* to outline further research strand, which points to the massification of such representations also in didactic books.

**Keywords:** Collective imagination. Massification. Didactic books.

#### Introdução

Há algum tempo o descobrimento do Brasil vem instigando pesquisas em várias áreas, da Educação à Sociologia, das Artes Visuais ao ensino de História, são dezenas de pesquisas que vem ao longo dos anos inferindo sobre possibilidades para reconstruir

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (UNICAMP). E-mail: carol.cavalcanti.bezerra@gmail.com

ou mesmo desconstruir os fatos daquele 22 de abril de 1500. Uma dessas pesquisas resultou na dissertação de mestrado *Caminha, Meirelles e Mauro: narrativas do (re)descobrimento do Brasil; decifrando as imagens do paraíso*<sup>2</sup>.

O artigo aqui proposto trará à luz os questionamentos realizados na dissertação de mestrado acima mencionada e que nos dias atuais se polemizam com as discussões sobre brasilidade, bem como sobre a identidade indígena. A intencionalidade na construção do imaginário coletivo sobre os indígenas avistados no desembarcar das naus na “Bahia de Todos os Santos”construíram e fortalecem ainda hoje as imagens que temos daqueles autóctones de 1500 e dos que hoje sobrevivem Brasil afora.

Desta forma,esta leitura partirá da intencionalidade das imagens apontadas na dissertação de mestrado como construtivas de um imaginário coletivo apresentandoas formas de comunicação que se valeram deste movimento para consolidar a história dos fatos relatada, por exemplo, em filmes, pinturas e livros de História.

Na contextualização sobre memória e conseqüentemente imaginário a pesquisa de mestrado pautou-se em autores específicos das áreas da Educação, Sociologia, Históriae Filosofia, entre elesHalbwachs (2006), Almeida (1999), Schama (1996), Eliade (1991), só para citar alguns. Foi necessária também a incursão por documentos históricos e por outras vertentes que dessem sustentação ao estudo que instiga desde seu início ao questionamento sobre a construção imagética dos autóctonespresentes no descobrimento do Brasil.

Foram analisadas as representações a partir do que Bezerra (2008, p.28) denominou de “narrativas do descobrimento” e que identificamos como essenciais a esta leitura: a pintura do quadro A Primeira Missa, de Victor Meirelles de Lima e o filme O Descobrimento do Brasil, do diretor mineiro Humberto Mauro.

O quadro de Meirelles datado de 1860 foi pintado porencomenda sendo resultado dos anos de estudo na Europa financiados pela Academia Imperial de Belas Artes, da qual Meirelles era aluno, na cidade do Rio de Janeiro. De 1853 a 1861 Meirelles permaneceu na Europa, retornando para apresentar seu quadro em um momento das artes plásticas no Brasil em que prevalecia o romantismo e a

---

<sup>2</sup> Defesa de mestrado realizada no dia 22 de fevereiro de 2008 na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

representação de grandes feitos históricos (como batalhas) que elevassem a importância das conquistas do reino em *terras brasílicas*.

Figura 1 - A Primeira Missa de Victor Meirelles de Lima (1860)



Em outro momento mais distante, no ano de 1937, a encomenda entregue foi a do filme de Mauro para o então Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE)<sup>3</sup>, para o qual, produziu, escreveu e dirigiu uma dezena de produções cinematográficas voltadas para “a educação visual” da nação (ALMEIDA, 1999).

Figura 2 - Cena da primeira missa em O Descobrimento do Brasil (1937).  
Versão original 55'10" aproximadamente



<sup>3</sup> Sobre o INCE muito se encontra disponível em dissertações de mestrado, teses de doutorado, livros e documentos, que podem ser acessados em *sites* sobre a temática.

Séculos XIX e XX respectivamente representados por produções artísticas de seus tempos e de linguagens distintas, mas com objetivos idênticos: a construção e formação da identidade do povo brasileiro, numa visão romantizada, porém que foi institucionalizada por quem as encomendava.

Tais construções em momentos sacrais da política nacional fortaleciam a imagem de regimes autoritários e corroboravam a necessidade da reafirmação da história do Brasil em momentos de questionamento sobre a soberania e força do país.

### **A ação educativa e a identidade nacional: educação visual**

As duas obras, uma pintura e um filme, não devem ser interpretados isoladamente, pois em épocas distintas abordaram um sentimento de pertencimento e de identidade nacional que recorrentemente vem sendo resgatados nos veículos de comunicação. As leituras e interpretações do descobrimento quando não são reproduzidas em livros didáticos, programas de televisão<sup>4</sup> ou no cinema, são intensamente veiculadas nos meios de comunicação na clara intencionalidade devalidação do fato:

[...] É possível afirmar que nossos valores, nossas crenças podem ter permanecido, mas esses valores e crenças têm sido *re-lidos*, re-estruturados, decodificados para a interação maior com o mundo contemporâneo no qual estamos submersos (RAHDE, 2010, p.265).

No caso do cinema visto como um programa de educação visual “ele vem produzindo, anônimo e silencioso, em arte e simulação, as imagens da nossa memória e as formas de nossa imaginação do real” (ALMEIDA, 1999, pp. xi-xii) destacando-se evidentemente toda sua carga histórica como base para produção, reflexão e aceitação ou não dos fatos em si representados pela sétima arte.

Em contraponto, mas também em diálogo outro autor, Morin (1970), vai traçar o envolvimento sociocultural do cinema como ferramenta comunicativa[grifo da autora] apontando para a importância do indivíduo na construção da realidade dentro da tela de

---

<sup>4</sup> Como a TV Escola e sua série sobre os índios do Brasil e que pode ser conferida em partes em seu site <http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/indios-no-brasil-uma-outra-historia>

exibição. Ou seja, o autor aponta para a subjetividade do imaginário do espectador e suas vivências em paralelo com o registro do real, ou melhor, da representação do real.

Por outro lado, a forma e a estética nas artes visuais funcionam como a construção e ora consolidação do imaginário e para tal, o interpretante deve se valer de seus sentidos. Vejamos o que Santaella (1998, p.22) tem a nos dizer a respeito:

[...] nossos cinco sentidos, são meios através dos quais se estabelece a ponte entre o que está no mundo lá fora, ou, pelo menos, o que nos chega como estrangeiro, e o mundo que, na falta de um nome melhor, chamamos de mundointerior. [...] Nessa medida, esses órgãos são superfícies, passagens, capazes de explicar alguns dos fatores, os mais propriamente sensórios da percepção, mas não são capazes de explicar porque toda percepção adiciona algo ao percebido.

A autora aponta para um caminho de construção do conhecimento e do significado das coisas por outros vieses que não são somente os dos sentidos biológicos intrínsecos aos seres humanos. O que é “percebido” remete a construção social (anterior) do interpretante e como ela infere “o interpretante, ou criatura que o signo cria e na qual é interpretado, é também uma interpretação do próprio objeto” (SANTAELLA, 1998, p.115).

Maurice Halbwachs (2006) corrobora o pensamento da autora e aponta a existência de dois tipos de memórias formadoras do ser; a memória coletiva fruto das vivências, e a memória individual fruto de nossas lembranças e também das lembranças de terceiros.

[...] o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. [...] Trago comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso aumentar por meio de conversas ou leituras – mas esta é uma memória tomada de empréstimo, que não é minha (HALBWACHS, 2006, pp.71-2).

Halbwachs (2006) toma a palavra como instrumento para a construção de significado, e as palavras sendo signos assim como as imagens de uma pintura ou de um filme também o são, poderá desta forma agir como instrumentos na construção e consolidação da memória coletiva, assim como as representações de um filme ou de uma tela exposta em um museu.

Retomando as significações de Radhe (2010) ou de Santaella (1998) e aproximando-as do caráter educativo, para não dizer ideológico das imagens do descobrimento é que apontamos a importância de substanciar ainda mais os questionamentos sobre a representação do índio nas formas de comunicação – artes plásticas e cinema - também pela vertente das ciências sociais baseando-se no posto pela dissertação de mestrado, mas também por novas pesquisas realizadas pela autora. Uma dessas pesquisas é a que trata da recontextualização e ressignificação da prática docente a partir da proposta de releitura dos livros didáticos.

A proposta visa questionar a institucionalização dos discursos (ou narrativas) também em materiais didáticos que reforçam uma ideia de brasilidade através de uma “falsa” representação dos indígenas do descobrimento, ou seja, analisar as representações sociais e culturais das narrativas[grifo da autora] do descobrimento do Brasil que idealizam a imagem do indígena.

Nas primeiras discussões sobre a formação do povo brasileiro e ainda quando emergiam nas artes plásticas novas representações, o processo de aculturação (CUCHE, 1999) do indígena era uma necessidade voltada para a criação de uma identidade brasileira, ainda pouco fortalecida no início do século XIX. Vejamos o que Darcy Ribeiro (2000) tem a nos dizer sobre as minorias em nossa sociedade:

A assunção de sua própria identidade pelos brasileiros, como de resto por qualquer outro povo, é um processo diversificado, longo e dramático. Nenhum índio criado na aldeia, creio eu, jamais virou brasileiro [...].O brasilíndio como o afrodescendente existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial para livra-se da ninguendade [...] que eles veem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira (RIBEIRO, 2000, pp.130-131).

Para Cuhe (1999, p. 14) as questões que envolvem os conceitos de cultura, aculturação e identidade estão diretamente vinculadas ao controle do Estado, pois o mesmo “aparece não como um fenômeno ocasional, de efeitos devastadores, mas como uma das modalidades habituais da evolução cultural de cada sociedade”.

Foucault (2009, 2008, 2001), ao tratar dentre outros assuntos das legitimações apoiadas institucionalmente ou quando afirma que “em toda sociedade a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por

certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” aponta também, para certa legitimação das ações daqueles que institucionalizam os discursos (FOUCAULT, 2001, p.8-9).

Partindo destes apontamentos perguntamos: como se dá a reprodução e a permanência das formações discursivas sobre os indígenas do descobrimento do Brasil? Quais as relações entre imaginário e mídia –o cinema, a pintura e o material didático (livro)?

Para tentar entender como se dão questões que envolvem “processos formativos” (formações discursivas, construção do imaginário etc.), a pesquisa parte de Castoriadis (1982), que afirma que algumas representações sociais são tão fortes que se tornam inclusive referência política e se sustentam em Jacques Le Goff (2003) ao dar caráter de legitimidade aos fatos partindo da conceituação de monumento<sup>5</sup>:

[...] será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade [grifos da autora] do monumento [...] (LE GOFF, 2003, p.527).

Figura 3 - Elevação da Cruz em Porto Seguro (1879)



<sup>5</sup> “[...] os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador [...]. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos (LE GOFF, 2003, p.526).

De tão reproduzidas e naturalizadas que são tais imagens acabam por se tornar referência política, social, de conquistas, batalhas e guerras, que não mais se ousa discutir sua veracidade, intencionalidade ou mesmo institucionalização enquanto documento histórico. Sua permanência no ideário nacional parece existir desde sempre, ou seja, sem momentos históricos definidos, sem tempo determinado, apenas sempre estiveram lá, são disseminados em grande escala pelos veículos de comunicação.

## A invenção do cotidiano: construção do imaginário nos livros didáticos

Tomemos como exemplo as estampas de sabonetes Eucalol<sup>6</sup> da série Histórias do Brasil e Lendas do Brasil, que no século XX foram utilizadas em materiais didáticos reforçando a alma política de algumas imagens agentes (ALMEIDA, 1999), mas também a recorrência do uso de tal artifício no fortalecimento de determinadas memórias no consciente coletivo.

Figura 4 - Primeira Missa Dita no Brasil 1-5-1500



A nova pesquisa da autora parte da necessidade de aprofundamento das questões relativas à representatividade do indígena do descobrimento do Brasil e como estas são veiculadas em alguns meios de comunicação, mais especificamente nos materiais didáticos.

<sup>6</sup> Mais sobre o assunto pode ser consultado em [http://www.brasilcult.pro.br/eucalol/estampas\\_eucalol/eucalol.htm](http://www.brasilcult.pro.br/eucalol/estampas_eucalol/eucalol.htm)

Como base para as novas ponderações estão as Diretrizes Curriculares da Educação Básica que compreendem a Educação Infantil, Fundamental e Média e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os PCNs pretendem ser base para a construção dos projetos pedagógicos nas escolas do Brasil, assim como base para a “renovação e reelaboração da proposta curricular” (BRASIL, 2001, p.9).

Sua documentação traz à discussão os temas transversais e questões que envolvem a pluralidade cultural dos povos no território brasileiro. Dentro dessa pluralidade estão os povos indígenas e a história da cultura africana e sua importância para a formação do povo brasileiro.

Desde 2006 que as Diretrizes e os Parâmetros estão à disposição das escolas e o que se observa é um avanço pouco significativo na releitura de alguns fatos, ainda apontados como referenciais na formação do povo brasileiro presentes nos materiais didáticos. O que já se visualiza como avanço, por outro lado, é a abertura para o questionamento por parte dos professores orientados por tais materiais “além disso, o professor pode interrogar seus alunos sobre a permanência do acontecimento em sua versão oficial ao longo do tempo, possibilitando a percepção do tempo de longa duração, das continuidades” (BRASIL, 2001, p. 113).

Vejamos a seguir o curioso exemplo apontado pelo documento:

As recentes celebrações dos 500 anos do Descobrimento demonstram a continuidade da versão instituída, reiterando a idéia de que, quando aqui chegaram, os portugueses encontraram um território vazio. Se procurar questionar as razões da omissão dos processos das lutas pela conquista do território e da resistência indígena, será possível recuperar a memória das reivindicações de grupos excluídos da sociedade, contestando as versões oficiais (BRASIL, 2001, p.113).

Para desconstruir um ideário oficializado por diversos documentos as portas precisam ir se abrindo, mesmo que aos poucos. É o que podemos notar na indicação do documento ao sugerir os questionamentos entre professores e alunos. Para que as omissões históricas possam ser evidenciadas, incorporadas no dia a dia da escola e transmutadas num processo comunicativo de reconstrução histórica, é preciso se dar o primeiro passo. Parece que isso vem sendo feito.

## Considerações finais

Podemos afirmar que os processos formativos, os meios de comunicação, a construção do imaginário coletivo, a memória e tudo mais que envolve um processo de comunicação – de um para outro, de uns para outros – carrega em si uma carga de responsabilidade na formação de uma sociedade.

O artigo ora intitulado *Breves considerações sobre o descobrimento do Brasil e a construção do imaginário coletivo em meios de comunicação* perpassou por algumas referências documentais e imagéticas para apontar a necessidade de questionamento sobre algumas memórias fortalecidas por livros, filmes e pinturas, mas também para propor um novo questionamento: qual o real papel e importância das mídias nesse processo de formação sociocultural do Brasil?

Tal questionamento não foi totalmente esclarecido. Mas, a possibilidade de novos pensamentos, inferências e ações, sim. O que podemos deduzir pelas pontuações feitas pela autora é que há muito tempo – retomando o primeiro parágrafo deste artigo – a reprodutibilidade das imagens do descobrimento do Brasil são massificadas pelos meios de comunicação naturalizando os fatos, dando caráter de veracidade aos mesmos.

Concomitantemente aos passos já dados pelas Diretrizes Curriculares e pelos PCNs é que como proposta de incursão acadêmica trouxemos aos estudos da Comunicação Social a massificação de tais representações nos meios de comunicação, resultando assim, na construção do imaginário coletivo sobre o descobrimento do Brasil.

## Referências

ALMEIDA, M. J. **Cinema arte da memória**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BEZERRA, C. C. **Caminha, Meirelles e Mauro**: narrativas do (re)descobrimento do Brasil; decifrando as imagens do paraíso. 82f. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

BRASIL. **Parâmetro curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares. 3.ed. Brasília: MEC/A Secretaria, 2001.

\_\_\_\_\_. **Parâmetro curriculares nacionais: história.** 3.ed. Brasília: MEC/A Secretaria, 2001.

CASTORIADIS, C. A instituição e o imaginário. Primeira abordagem. *In:* \_\_\_\_\_. **A instituição imaginária da sociedade.** 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FOUCAULT, M. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** São Paulo: Graal Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** 12.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. *In:* **História e memória.** Campinas: UNICAMP, 2003.

MORIN, E. **O cinema ou o homem imaginário.** Lisboa: Moraes, 1970.

**O descobrimento do Brasil.** Direção: Humberto Mauro. Cidade: Produtora, Distribuidora, 1937. Duração: 62 minutos - P&B, Documentário/Ficção. DVD: 2001  
País: Brasil

RAHDE, M. B. F.. Comunicação Iconográfica: Linguagens, Significados e Imaginário. *In:* FERREIRA, G. M. (Orgs). **Teorias da comunicação: trajetórias investigativas,** Porto Alegre, EDiPUCRS, 2010, pp.255-272.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido.** 2.ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

SANTAELLA, L. **A percepção: teoria semiótica.** 2.ed. São Paulo: Experimento: 1998.

SCHAMA. S. **Paisagem e memória.** São Paulo: Cia. das Letras, 1996.